



A PRIMAVERA DO PENSAMENTO DE YVES CONGAR

José Maykel André Galvão¹
Ítalo Mateus Dutra de Oliveira²

Resumo

Este trabalho trata de fatos da vida e de obras de Yves Congar. Tendo como objetivo mostrar quais fatos foram de importância para a elaboração de sua teologia contida em suas obras. Nascido em Sedan, França, local conhecido pela grande população protestante, não será de se estranhar diálogos ingênuos entre a criança Congar e seus amigos protestantes sobre a missa. Como não perceber nisso os primeiros passos para uma Igreja Ecumênica na vida do teólogo. Após os conflitos da Primeira Guerra, Congar sente o chamado para ser pregador, mesmo sem conhecer Santo Domingo, e sem saber da Ordem dos Pregadores. Tendo experiência em mosteiro beneditino e aulas com professores dominicanos, decide entrar na de Pregador. Sua produção teológica toma maior destaque após seus estudos, dentre as quais destacamos Cristãos desunidos, sobre o ecumenismo, verdadeira e falsa reforma da Igreja, sobre a reforma na Igreja, e os leigos na Igreja, sobre a teologia do laicato. Esse trabalho é de caráter teórico, realizado com o apoio de bibliografia em relação ao tema, sobretudo livros e artigos científicos. Os resultados no momento atual apontam que a vida do nosso teólogo é uma iniciativa para compreender o seu pensamento eclesiológico e ecumênico, seja nascendo em uma cidade onde convivia com protestantes, seja no campo de concentração onde presenciou vários credos viverem em solidariedade, seja no contado com professores dominicanos, seja por ter contato com a teologia oriental.

Palavras-Chave: Yves Congar. Vida. Obras.

INTRODUÇÃO

Compreender o contexto em que nasceu uma pessoa, colabora para compreender o modo de pensar desta pessoa. Deste modo, para iniciar os estudos na teologia de Yves Congar, deve-se começar pelos atos que aconteceram em sua vida, percebendo as consequências que marcaram sua maneira de ver a Igreja e o mundo.

¹ Graduando do curso de Teologia do Centro Universitário Católica de Quixadá-CE. E-mail: leonysanjos@gmail.com.

² Graduado em Filosofia pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Cajazeiras-PB. Graduando do curso de Teologia do Centro Universitário Católica de Quixadá-CE. E-mail: italo.mateussbpd@hotmail.com.



ST 1: TEOLOGIA, FILOSOFIA E EDUCAÇÃO

Yves Congar foi um excelente eclesiólogo do século vinte. Seu pensamento estava à frente de seu tempo, sendo alvo de duras críticas, mas permanecendo fiel e obediente à Igreja. Contudo, o que aconteceu em sua vida que colaborou com certos pensamentos seus? Como era o local em que foi educado, quais seus desejos na sua vocação? Quais escolhas realizou para ser exilado?

Com um leque de obras, Congar perpassa as etapas da vida amadurecendo o seu pensamento sobre a Igreja, seja entre seus membros, seja com outras Igrejas, seja com mundo. Percorre-se agora esse caminho que mostrará sobre aspectos de sua vida dentro de Três Livros e depois explorará algumas de suas obras.

1 A VIDA DE YVES CONGAR

1.1 Diário de Guerra

Yves Marie Joseph Congar nasceu em Sedan, na França, no dia 13 de abril de 1904. Foi um teólogo dominicano e cardeal católico. Sua cidade natal foi, sobretudo no século XVI, lugar de refúgio para protestantes provindos das guerras religiosas. Na época de seu nascimento, a França sofria grandes mudanças no que diz respeito ao pensamento teológico. Vale salientar o surgimento de teólogos renomados, dentre eles, Blondel (1865-1909), Alfred Loisy (1857-1940), Teilhard de Chardin (1881-1955), e da fundação da revista *Irénikon* de Lambert Beauduin (1873-1960). Este, através de sua linha ecumênica, influencia diretamente a formação de Congar.

Incentivado por sua mãe, em 1914, Yves Congar se dedica a escrever um diário acerca de suas experiências perante a ocupação militar de seu país, por ocasião da Primeira Guerra Mundial. Após o término dos conflitos, relendo seus escritos, sente-se chamado à vida religiosa, decidindo ingressar na Ordem dos Pregadores, de São Domingos. Segundo ele, sua vocação estava voltada, sobretudo, para o ecumenismo e a eclesiologia, dois dos principais conteúdos que marcadamente estão inseridos em boa parte de seus escritos.



I SEMANA NACIONAL DE
TEOLOGIA, FILOSOFIA E
ESTUDOS DE RELIGIÃO

I COLÓQUIO FILOSÓFICO:
Filosofia e Religião



Religião em Movimento:

Diálogo entre Teologia, Filosofia e Ciências no Século XXI

ST 1: TEOLOGIA, FILOSOFIA E EDUCAÇÃO

37

Entre 1921 e 1924, estudou no seminário de Paris, enviado pelo padre Daniel Lallement, grande influenciador de Congar nos seus primeiros anos de estudo. Após um curto período de serviço militar na Alemanha (1924-1925), ele entra no convento Dominicano de *Le Saulchoir*, no dia 07 de dezembro de 1925. Neste convento, lecionavam alguns dos melhores medievalistas e tomistas do período, a saber, Mandonnet, Hérís, Gardeil e Chenu. Contudo, foi deste último de quem ele recebeu maior influência intelectual em sua vida, sobretudo no aspecto da historicidade da teologia (MONDIN, 1979, p.588).

Em 1929, apresenta a tese para o leitorado sobre a unidade da Igreja, o que impulsionou a descoberta do caráter ecumênico de sua vocação. Um ano depois, no dia 25 de julho, é ordenado sacerdote. Já no mês seguinte, parte para Düsseldorf, onde, por dois meses, aprofunda seus conhecimentos acerca do luteranismo. Congar se destaca também nesse aspecto porque não buscou ser “padre só de nome, mas exerceu o ministério sagrado de forma substancial” (JOSSUA apud MONDIN, 1979, p. 589). Isso porque, se dedicava tenazmente ao estudo da doutrina católica como também ao ensino da mesma através de retiros e conferências.

Após a conclusão do Diário de Guerra, em 1930, Yves Congar dá início ao seu segundo diário, intitulado de Diário de um teólogo. Nele, o teólogo registrava os principais acontecimentos sobretudo no que tange à vida da Igreja, na qual ele, sem dúvida, tornou-se também protagonista.

1.2 Diário de um Teólogo

Muitos dos documentos reunidos neste escrito são testemunho de uma escritura particular, uma vez que não foram escritos inicialmente para publicação. Vale salientar, além disso, que este livro representa um testemunho singular das principais relações entre a investigação teológica da época e o magistério católico nos últimos anos do pontificado do Papa Pio XII. A cuidadosa edição dessas anotações é, portanto, uma biografia viva e documentada da história intelectual do catolicismo logo após a Segunda Guerra Mundial.



ST 1: TEOLOGIA, FILOSOFIA E EDUCAÇÃO

No dia 07 de junho de 1931, ele começa a lecionar na escola de Teologia de Le Saulchior as disciplinas de Apologética, Introdução à Teologia e Tratado da Igreja. No ano seguinte, em Paris, seguiu o curso de Étienne Gilson (1884-1978) a respeito de Lutero e de seu pensamento e frequenta um semestre a faculdade de Teologia Protestante.

Em 1937, inaugurou a coletânea sobre eclesiologia e ecumenismo, que recebeu o nome de *Unam Sanctam*, unido à Du Cerf editora, de Paris. Sua primeira obra publicada aqui foi o célebre *Les chrétiens désunis*, um profundo estudo acerca do ecumenismo. Dois anos depois, no início da Segunda Guerra Mundial, Congar é promovido a oficial do exército francês.

Entretanto, logo em seguida, é preso e, por cinco anos, torturado. Sofreu duras penas por manter-se contra as estruturas nazistas de poder. Foi prisioneiro em campos de concentração de Mainz, Berlim, Colditz e Liiberck, até o fim da guerra. Nesse período, Congar manteve contato com outras religiões e igrejas cristãs, onde conseguiu aflorar ainda mais o seu ecumenismo.

Com o término da guerra, há um reavivamento dentro do âmbito eclesial. Nesse contexto, Congar escreve uma obra acerca da reforma da Igreja, com o nome de “Verdadeira e falsa reforma da Igreja”, em 1950, o seu mais notável ensaio sobre o pensamento eclesiológico de São Tomás. Faz-se necessário apontar, entretanto, que a reforma proposta pelo teólogo não envolvia um caráter programático, mas sobretudo eclesiológico, onde todos, inclusive os leigos, tenham participação na vida em comunidade. Desse modo, a reforma perpassava o caráter doutrinal e atingia a vida pastoral da Igreja de Cristo.

Em 24 de março de 1940, recebe uma crítica valiosa acerca de sua obra “Cristãos desunidos”. Em 1953, escreve a obra “Jalons pour une théologie du laicat”, publicação indispensável para o fundamento da teologia laical.

Já de 1947 a 1956, Congar passa por uma série de denúncias, avisos, medidas restritivas e discriminatórias e intervenções carregadas de desconfiança. Esse ambiente de desconforto, faz com que, em 1950, Pio XII publique a encíclica



ST 1: TEOLOGIA, FILOSOFIA E EDUCAÇÃO

Humani generis, questionando a Nova Teologia, movimento entre teólogos do qual Congar era um representante. Esta encíclica papal surge logo quando Congar estava prestes a publicar a obra acerca da reforma da Igreja. Com isso, ele precisava submeter-se a Roma se quisesse ainda publicá-la. Logo em seguida, viaja pela primeira vez para Roma com seu amigo dominicano Féret.

Foi proibido de lecionar e publicar, sendo exilado em Jerusalém. Em 1956, o bispo de Strasburg o chamou para estar à frente de retiros, palestras e pregação. Volta de uma maneira mais plena quando é convidado pelo papa para compor a equipe que irá consultar os frutos do concílio. Em 1964, ele recebe a maior nomeação que a Ordem pode dar a alguém, Mestre de teologia. Assim, se inicia uma nova etapa, o Diário de um Concílio, onde registra suas percepções diárias sobre o concílio, mas também para essa nova etapa que percorre um grande número de obras.

A vida de Yves Congar nos mostra que ele era um grande conhecedor da doutrina e tinha autoridade ao falar. Em seguida, há comentários sobre algumas de suas obras.

2 AS OBRAS DE YVES CONGAR

Yves Congar possui uma gama de publicações, dentre as quais estão em maior número seus artigos e conferências. A quantidade é tão numerosa que seus amigos brincavam se perguntando: “Congar já leu tudo o que escreveu?”. Isso é fruto de alguém muito dedicado ao estudo, pois era um trabalhador incansável e solitário, das sete da manhã às dez da noite, por trinta e cinco anos, sendo rigoroso aos horários, permanecia em um cômodo, onde o que havia dentro, seja a escrivaninha, móveis, cadeiras e até mesmo sua cama eram repletos de livros, cartas e pastas. Com isto, Congar publicou mais de mil escritos (cf. MONDIN, 1979, p. 157).



I SEMANA NACIONAL DE
TEOLOGIA, FILOSOFIA E
ESTUDOS DE RELIGIÃO

I COLÓQUIO FILOSÓFICO:
Filosofia e Religião



Religião em Movimento:

Diálogo entre Teologia, Filosofia e Ciências no Século XXI

ST 1: TEOLOGIA, FILOSOFIA E EDUCAÇÃO

40

Por ser um eclesiólogo por excelência, todas as suas obras perpassam a igreja, seja na via *ad intra* ou *ad extra ecclesia*. Como fora citado acima, sua primeira obra publicada foi “Cristãos desunidos” (1937), denunciando seu viés ecumênico na eclesiologia. Congar apresenta a Igreja como uma extensão da vida da Santíssima Trindade, isto é, a *Ecclesia de Trinitate*, mas também aborda a missão de Jesus Cristo e como os membros da Igreja participam da comunicação dos dons divinos. Em respostas ao ecumenismo do Concílio Vaticano II, ele escreve “Cristãos em diálogo” (1964) falando da nova situação que a Igreja promove neste assunto, não agindo com indiferença, mas assumindo como tarefa vital. Com “Diversidade e comunhão” (1982), a temática ecumênica é retomada descrevendo o ponto que a Igreja já caminhou até então no ecumenismo.

Na “Introdução ao Mistério da Igreja” (1941), é exposto a Igreja em relação a vida divina, isto é, sua relação com os Três Consubstanciais. E se destaca a *Ecclesia in Christo* e *Ecclesia ex hominibus*, onde Cristo age com sua mediação no plano salvífico e Igreja é vista como a sociedade possuidora de determinadas estruturas, pois o Pai dar a se comunicar não de forma imediata e invisível, mas sim mediata e visível.

Uma de suas obras mais criticadas é “Verdadeira e falsa reforma” (1950). Ele escreve esta obra como resposta ao que se passava no período, mostrando como ele era um teólogo sensível ao seu tempo. Aborda o contexto em que a França vivia com as mudanças que surgiram no século vinte: movimento bíblico, movimento litúrgico no que diz respeito a pastoral, apostolado dos padres operários e o desejo de encontrar a felicidade na relação com o mundo.

Congar parte da distinção entre instituição e comunidade, onde a primeira é deixada pelo próprio Cristo, e por isso é inalterada, mas a segunda, por ser a reunião dos fiéis, é sujeita a impurezas e a reformas, sendo estas um acontecimento comum na vida da Igreja, pois é notado no percurso de sua história vários momentos e foi devidamente de forma fiel as suas estruturas divinas. (cf. MONDIM, 1979, p. 174). Na reedição desta obra, em 1968, Congar fala do papel transformador que tem



I SEMANA NACIONAL DE
TEOLOGIA, FILOSOFIA E
ESTUDOS DE RELIGIÃO

I COLÓQUIO FILOSÓFICO:
Filosofia e Religião



Religião em Movimento:

Diálogo entre Teologia, Filosofia e Ciências no Século XXI

ST 1: TEOLOGIA, FILOSOFIA E EDUCAÇÃO

41

o papa São João XXIII e o Concílio na vida da Igreja, mas destaca os dois fatos que influenciaram e influenciarão a vida eclesial, a eclesiologia do de Deus e o ecumenismo.

A sua teologia sobre o laicato está em sua suma deste assunto: “Os leigos na Igreja” (1953). Congar não descreve canonicamente a figura do leigo, mas, antes de tudo, faz uma elaboração antropológica de sua condição se perguntando “O que é um leigo?”, onde também comenta a visão monástica sobre tal. O leigo é aquele que faz as obras de Deus no mundo, isto é, relaciona a sua ação com a da Santíssima Trindade. Para ele, o estudo dos leigos não está acima do estudo sobre a hierarquia e um estudo sobre os membros da Igreja. Isso reflete o novo despertar para o apostolado que ganha destaque na vida dos fiéis. Composta de nove capítulos, ao qual o primeiro trata da pergunta acima referida, seguida das orientações para uma autêntica reflexão sobre os leigos. Congar condensa a sua obra com a descrição dos leigos no mundo sem ser do mundo, com o seu apostolado e engajamento temporal como a maneira de viver a sua santidade (cf. CONGAR, 1966, p. 43).

Em “O Mistério do Templo” (1958), alvo de muitas críticas, aborda a vida interna da Igreja, sobretudo da habitação de Deus em seu povo desde o Gênesis até o Apocalipse (cf. GIBELLINI, 2012, p. 206). Também trata da hierarquia na Igreja, porém não tanto quanto os críticos preferiram. Com esta obra, o leitor entra no invisível da Igreja e sua relação com Deus, povo a caminhar.

Ele reúne ensaios sintéticos para publicar “Santa Igreja” (1963), decorrendo sobre definição da Igreja e sua teologia. Descreve quatro noções da Igreja, mostrando a sua realidade e o seu mistério: a categoria de povo de Deus, que será recordada na *Lumen Gentium*; a categoria de Corpo de Cristo, adotado pelo Magistério com a Encíclica *Mystici Corporis Christi*; a categoria de sociedade, que predomina durante o período pós-tridentino como um pensamento da sociedade sobrenatural; e a categoria de comunhão, visto a Igreja com o seu caráter *Koinonia*.



ST 1: TEOLOGIA, FILOSOFIA E EDUCAÇÃO

Com “Um povo messiânico” (1975) coincide com a mesma expressão contida no capítulo dois da *Lumen Gentium*, pois com esta visão da Igreja, destaca a sua unidade e esperança para toda a humanidade. Descrevendo a igreja como sacramento de salvação, percorrendo do Concílio Vaticano I ao Vaticano II, analisando as escrituras e a Patrística, perpassando a Igreja antiga e moderna concluindo com o esclarecimento do significado de “Igreja, sacramento de salvação”. Seguindo esta explicação, há a análise do binômio: “Salvação e Liberdade”, tendo uma associação destes termos ao perceber a liberdade como a união da salvação e da missão de Cristo, fazendo uma conclusão com a relação fé e política.

Em “A Palavra e o Espírito” (1984) descreve a relação que há entre o Filho e o Espírito Santo. Trata-se, pois, de sua suma, uma cristologia pneumatológica e uma pneumatologia cristológica. Evidenciando a necessidade de compreender as missões divinas numa associação mútua na construção da Igreja. Segue apontando dentro das Escrituras a associação entre o Filho e o Espírito e como ela está para a realização da obra de Deus. Ele se questiona se o Espírito Santo teria alguma autonomia ou se está sob a vontade do Filho e confirma que há uma harmonia perfeita entre as missões, onde o Espírito está com o Filho e o Filho está com o Espírito (cf. CONGAR, 1989, p. 52).

Lança “O Espírito Santo” (1991) como uma resposta para situação que a Igreja vivia com a Renovação Carismática, algo ainda novo e não se sabia como lidar com precisão, o que fazia com que andasse muito entre o desconhecido e o preconceito. A obra, dividida em três volumes, traz um estudo sério, bem solidificado e articulado com as manifestações progressivas do Espírito, o Sopro de Deus, seja nos escritos bíblicos; faz um apanhado histórico, mostrando a riqueza da ação do Espírito na Igreja dos mártires até alcançar o Vaticano II, passando pelos padres da Igreja, as belas expressões litúrgicas, alguns místicos, a teologia clássica; e, por fim, aborda a relação entre a Igreja Ocidental e a Oriental.

Muitas outras ele publicou, mas não convêm listar neste trabalho, visto que pretendo não elencar todas as suas obras, mas compreender o seu pensamento por



I SEMANA NACIONAL DE
TEOLOGIA, FILOSOFIA E
ESTUDOS DE RELIGIÃO

I COLÓQUIO FILOSÓFICO:
Filosofia e Religião



Religião em Movimento:

Diálogo entre Teologia, Filosofia e Ciências no Século XXI

ST 1: TEOLOGIA, FILOSOFIA E EDUCAÇÃO

43

meio da exposição das demais. Um grande diferencial de Congar, se encontra no fato de que o mesmo escreveu antes do Concílio, durante e depois, visto que sua teologia não se distanciava das necessidades do povo.

CONCLUSÃO

A experiência de vida do dominicano colaboraram para formar a sua maneira de viver na Igreja: uma comunidade buscando a perfeição no caminho de um povo que dialoga com outros credos cristãos, mas também uma comunidade que é construída em um corpo que busca ser cada vez mais a imagem e semelhança de Deus. Com sua experiência em Sedan com os protestantes e com seu exílio em Jerusalém, traz para a Igreja a necessidade de haver um diálogo com os cristãos desunidos, como também seu contato com dominicanos, dentre eles Chenu, influenciaram sua maneira histórica de refletir a teologia. Congar, sabendo absorver as experiências de sua vida, produziu vastas obras descrevendo a Igreja nesse período de mudanças, pois suas obras percorrem desde o período anterior ao Concílio Vaticano II e perpetua até seus últimos anos de vida sem deixar de ser atual as necessidades do Corpo de Cristo.

REFERÊNCIAS

CONGAR, Y. **A Palavra e o Espírito**. Tradução de Luiz J. Baraúna. São Paulo: Ed. Loyola. 1989.

_____, Yves. **Os leigos na Igreja, escalões para uma teologia do laicato**, São Paulo: Herder, 1966.

GIBELLINI, Rosino. **A teologia do século XX**. Tradução de João Paixão Netto. 3. ed. – São Paulo: Edições Loyola, 2012.

MONDIN, Batista. **Os grandes teólogos do século vinte**. Vol. I. São Paulo: Edições Paulinas. 1979.